

Vera Maria Tietzmann Silva

Sobre o solo da linguagem [...] os leitores são viajantes; eles circulam sobre as terras de outrem, caçam, furtivamente, como nômades através de campos que não escreveram, arrebatam os bens do Egito para com eles se regalar.

(Michel de Certeau, *A invenção do cotidiano*)

Percorrendo a obra poética do carioca Fernando Py, Darcy França Denófrio apresenta ao público leitor *Da aurora de vidro ao sol noturno*, um de seus mais recentes ensaios críticos. Sendo ela mesma poetisa de relevância no cenário de seu Estado de origem e tendo, por longos anos, exercido a docência de Teoria da Literatura no curso de Letras da Universidade Federal de Goiás, Darcy tem o privilégio de aproximar-se da obra de Fernando Py com a segurança de quem sabe ver o texto poético a partir de duas perspectivas opostas e complementares: a do criador e a do crítico literário. Imbricam-se, portanto, neste ensaio, sensibilidade e perspicácia, emoção e razão, o olhar que sente e o que analisa. Aliás, essa dupla familiaridade, reflexo de seu próprio fazer literário e do exercício do magistério em Letras, parece ter norteado a produção acadêmica de Darcy França Denófrio, voltada majoritariamente para a análise de textos poéticos, em especial de conterrâneos seus, destacando-se os minuciosos estudos sobre a poesia de Leodegária de Jesus, Gilberto Mendonça Teles e Afonso Félix de Sousa, e que são, sem dúvida, as peças de maior peso na fortuna crítica desses três poetas goianos.

Fernando Antônio Py de Mello e Silva, ou simplesmente Fernando Py, nasceu no Rio de Janeiro em 1935 e estreou na literatura em 1962, aos 27 anos, com o livro de poemas *Aurora de vidro*. Darcy França Denófrio levanta, a partir dessas datas, o primeiro tópico em discussão neste ensaio: em qual geração poética devemos situar Fernando Py, na de 45 ou na de 60? Não se trata absolutamente de ponto pacífico, vez que tanto o seu nascimento como a sua estréia literária permitem situá-lo na faixa de transição entre um grupo e outro, num espaço temporal marcado esteticamente pelos meios-tons, pela presença de colorações em declínio e albores de cores novas. Como bem nota a ensaísta,

comentando o poema produzido em 1977, "Quarenta e cinco", do livro *Vozes do corpo* (1981), o próprio poeta reconhece, em tom bem-humorado, esse situar-se em território de fronteira, aludindo, mesmo, ao título de sua primeira obra, com a expressão "antiga aurora". Diz o texto crítico, citando e comentando o poeta:

Esta é a geração/
que me antecedeu/
ou nela me insiro/
malgrado meu?" Se a terceira estrofe assume tom indagativo e resistente – "Tanto rejeitei/
essa geração/
e afinal agora/
estendo a mão?" –, o fecho do poema soa como aceitação, igualmente relutante, da estética de 45: "Essa geração/
:escarmento meu:/
se me impõe agora/
desde a antiga
aurora/
com sua lição/
sua danação/
de um outro eu.

A ensaísta faz notar que a sensação de desconforto manifestada pelo poeta vem de sua adesão à arte comprometida com os movimentos sociais, forma de resistência possível aos intelectuais insatisfeitos com os rumos políticos do país nas décadas de 60 e 70. Foi esse um período sombrio de nossa História e que ficou conhecido como os "anos de chumbo". Como é sabido, os poetas imediatamente anteriores a eles, os integrantes da chamada "geração de 45", tinham preocupações mais existenciais e estetizantes do que experimentais e engajadas. O seu descomprometimento com a situação político-social do Brasil, à época, valeu-lhes a pecha de absenteístas. Situado cronologicamente entre esses dois tempos, Py "já incorporava, inconscientemente, certos princípios dessa geração que foi maldita, quando o engajamento, que também atingiu a crítica, passou a ser uma espécie de imposição dentro da literatura", lembra a autora.

Mas onde termina uma geração e começa outra? Esse é justamente o tópico inicial sobre o qual discorre Pedro Lyra no livro *Sincretismo: a poesia da geração 60* (Fortaleza, Topbooks, 1995), um dos poucos textos críticos que se aprofundam sobre esse período literário, e ao qual vem somar-se agora este lúcido ensaio de Darcy França Denófrío acerca de um de seus representantes.

Pedro Lyra afirma que o papel de cada geração é superar a anterior, "no sentido dialético de conduzir para a frente e para cima – para o novo, para o próprio", ressaltando que, nesse afã de criar o seu perfil, a nova geração "conta com a

grande vantagem de acumular a experiência de todas as gerações passadas, que desembocam nela”, concluindo que o herdado e o próprio são os dois atributos que configuram cada geração e lhe dão, combinados, a sua fisionomia geracional.

Para a geração de 60, o próprio, segundo Lyra, compreende “a tradição discursiva, o semioticismo vanguardista, a variante alternativa”. Darcy França Denófrio observa que a poesia de Fernando Py, além de conservar traços herdados da geração anterior (o domínio das técnicas de versificação é um deles), atende também às vertentes descritas por Lyra para a tradição discursiva que marca a fisionomia dos poetas de 60, a saber: “a herança lírica, o protesto social, a explosão épica e a convicção metapoética”. Essa fisionomia da geração – imprecisa o bastante para permitir traços individualizadores, mas nítida o suficiente para evidenciar um parentesco entre os diversos poetas da época – permite ao leitor nela situar Fernando Py.

A obra deste poeta, até o momento da produção do estudo que ora se apresenta, incluía os seguintes livros de poemas: *Aurora de vidro* (1962), *A construção e a crise* (1969), *Vozes do corpo* (1981), *Dezoito sextinas para mulheres de outrora* (1981), *Antiuniverso* (1994), *Sol nenhum* (1998) e 70 poemas escolhidos, em preparação para o prelo. Darcy França Denófrio, numa feliz síntese, toma de empréstimo título do primeiro e alusão ao último livro publicado, até o momento, pelo autor, para nomear este ensaio, *Da aurora de vidro ao sol noturno*, e assenta os alicerces de sua análise sobre as imagens antitéticas da luz e das sombras.

Luz e sombras, ou claridade e trevas, são imagens comple-mentares – uma existe e se define pela outra – revestidas de valor simbólico. Desde a Antigüidade, a claridade, essa qualidade física da luz intensa, tem sido associada à clareza, qualidade daquilo que não admite ambigüidade, e ao pensamento racional. O sol, com sua luz meridiana que não acolhe sombras, é a manifestação mais perfeita dessa claridade/clareza. Na mitologia grega, tem sua manifestação plástica em Febo, ou Apolo, que conduzia diariamente o carro do sol pelos céus, do oriente ao ocidente, marcando a sucessão de dias e noites. Por analogia, esse deus representava o pensamento lógico. Sua irmã Ártemis

(depois Diana, entre os romanos), ao contrário, associada à lua e ao pensamento intuitivo, transitava pelos bosques, entre as sombras da noite. A condição de gêmeos de Apolo e Diana e a alternância de dias e noites que ambos metaforizam sugere uma relação de complementaridade – às vezes também com a nuance da alternância – que se estende aos diversos pares de oposições: entre dias e noites, entre razão e intuição, entre luz e sombras. No caso do mito, também entre masculino e feminino. Vale dizer, em última instância, entre vida e morte. Essa alternância transparece de várias maneiras na obra poética de Fernando Py, como bem demonstra Darcy França Denófrio em seu ensaio.

Considerando as duas obras que motivaram o título deste estudo, *Aurora de vidro* (1962) e *Sol nenhum* (1998), a ensaísta indaga-se sobre o significado desse percurso lírico da luz às trevas. Inicialmente, associa-o ao paraíso bíblico, que toma como metáfora da infância, de onde o ser humano é expulso para um mundo de sofrimento. Depois, inverte a perspectiva, munida do instrumental da antropologia, tomando, mesmo, de empréstimo termos da antropologia do imaginário, ao conjecturar que “o homem esteve sujeito, no curso de sua história, primeiro a um regime noturno do pensamento, o pré-lógico, e depois a um regime diurno, o do pensamento lógico, sendo este uma consequência da evolução racionalizante”. Ou seja, o sol da razão – Febo a deslizar pelo céu – “trouxe a luz, a ordem ao domínio mental”, eliminando as sombras de seu estado noturno. E conclui: “O percurso vivido pelo homem nessa aventura foi, pelo menos figurativamente, da treva para a luz”. Diante disso, constata que o percurso poético de Fernando Py mostra-se às avessas, indo do luminoso ao noturno, como se em busca “do outro lado da esfera esplendente”. Poderíamos acrescentar, buscando esse “outro lado”, o complementar, ele demanda a totalidade.

Tomando essa oposição de luz e sombras como fio condutor, Darcy França Denófrio fraciona sua exposição, dividindo-a em três partes, sempre apoiada nessa metáfora, e analisa a produção do poeta pela cronologia de publicação de suas obras. Detendo-se especificamente sobre a obra de Fernando Py, argumenta, com base nos poemas publicados, sobre os vínculos que este poeta mantém com aquelas duas gerações,

concordando com Pedro Lyra, que o inclui na geração de 60. Após essa reflexão preliminar, a autora procede à análise do conjunto da obra poética propriamente dita, estendendo-se por dois capítulos, o primeiro denominado "Da luz às trevas", e o segundo, que encerra o estudo, denominado "Sol nenhum: a sombra do mistério".

Um olhar sobre o sumário revela ao leitor a predominância da luz nos poemas de Py, assim como a sua qualidade multidirecional. A primeira parte, focalizando as imagens luminosas, ocupa dois terços do ensaio e divide-se em duas fases, "A luz primeira" e "A outra luz", simétricas às visões sucessivas da inocência e da experiência, na poética de William Blake. A luz primeira – primordial ou originária – é o período luminoso da infância, esse terreno que se crê isento de sombras e que se persegue pela vida afora. Darcy França Denófrio confirma essa nostalgia do poeta e afirma: "Sua obra completa é, por assim dizer, um campo minado de infância que explode mesmo nos poemas engajados, menos concessivos. E continua sangrando ainda nos inéditos". Seguindo a proposta expositiva da ensaísta, a segunda fase, "A outra luz", constitui uma longa seção que se reparte em seis subtemas: luz sobre o texto, sobre a amada, sobre o próximo, sobre o outro, sobre si mesmo, e, finalmente, luz meridiana. Opondo-se à luminosidade primordial da infância, esta é a luz da consciência crítica, a luz da razão. No percurso lírico de Fernando Py, o carro de Apolo transcende o fenômeno físico, passa da claridade à clareza, da luz do sol à cegante luz da razão. Deixando para trás a luminosidade edênica da infância, ingressa num tempo em que não é mais possível a inocência perdida. Este é um tempo de conflito entre "o menino antigo e o homem maduro", situação em que, como diz Py em um de seus poemas, "o maduro obriga a infância a destruir-se".

Na subdivisão, o primeiro segmento contempla o viés metalingüístico presente na obra, tema que, segundo Darcy França Denófrio, é "incomum nos escritores engajados", e neste poeta aparece tanto conjugado à questão político-social (em *A construção e a crise*, 1969) como à erótica (*Voices do corpo*, 1981). Este matiz erótico-metalingüístico, que Darcy examina à luz da teoria literária com suporte teórico de diversos estudiosos, também é registrado, como informa ao

leitor, nas obras de Drummond e de Gilberto Mendonça Teles. O erotismo à la lettre, sem o disfarce alegórico da metalinguagem, é posto em destaque e examinado em suas múltiplas manifestações no segundo segmento, "Luz sobre a amada". A ensaísta revela estar este tema, em si de natureza solar, freqüentemente envolto em um "dialético jogo de luz e treva ou, inversamente, de treva e luz". O espaço das trevas, como bem destaca, deve-se muitas vezes a alusões oblíquas ao regime político repressivo da época, postura que o poeta assume, em sintonia com o seu engajamento.

Os três subtemas abordados a seguir, nesta minuciosa exposição crítica, têm afinidade entre si, e são eles: a luz sobre o próximo, sobre o outro e sobre si mesmo. A dicotomia luz/trevas que atravessa a análise reitera-se nos poemas que irmanam a voz lírica ao próximo, com quem compartilha o tempo presente e o espaço brasileiro. As trevas, nesses poemas, traduzem o clima sombrio e opressivo pós-64, sem, contudo, assumirem o contorno de clichês. E a ensaísta ressalva, em favor do poeta: "Diferentemente da maioria dos engajados, Fernando Py usa uma linguagem simbólica de alto alcance estético". A qualidade de sua dicção pode ser avaliada no seguinte excerto. Observe-se o jogo de luzes e sombras que a ensaísta aponta nos versos do poeta, expresso pelas palavras encoberto, névoa, negrume, cinza, sombra, aurora:

O horizonte
encoberto. Nuvens
agridem. Blasfêmias
elevam-se,
caem. Os cavalos
soltos na
planície, nitridos,
crinas
galopando na
névoa, superfície
quebrada, cascos,
ânsia
no duro pisar,
levantando
ódio, negrume, os

cavalos.
Os cavalos: as
patas, o
pescoço
intumescido, veias
saltando, os cavalos
são dor
– angústia presa
devastando
o horizonte
encoberto. Cinza
na boca, sombra e
fezes, garra
sobre o peito,
vertigem no
planeta rubro e em
sua aurora.
(de A construção e a
crise, 1969)

O próximo, que aqui se refere ao cidadão, incluindo o eu-lírico e a coletividade, não se confunde com o outro, do seguinte subtema proposto na análise, que habita o interior de cada um de nós, que igualmente nos sentimos despedaçados, divididos em dois, desde a traumática perda da inocência primordial. Assim como o poeta, também nós estamos conscientes da existência de “dois brigando no mesmo corpo”. Darcy França Denófrio registra com competência o tema do duplo na poética de Fernando Py, expondo, com amplo respaldo teórico, as várias faces que esse tema complexo assume em sua obra, chamando a atenção do leitor para a relação da antítese luz/trevas que também se estabelece entre a voz lírica e o outro, “ser humano ocluso/ na própria pele”. Afirma a ensaísta: “A luz sobre o outro (o eu profundo) propicia ao ser que escreve (o eu superficial) ou à contraparte de um duplo, um clarão sobre si mesmo”. E, no prosseguir da análise, o seguinte subtema focaliza isso, a luz sobre si mesmo, sobre a individualidade do autor. Revisitando em breves pinceladas o pensamento de alguns teóricos da psicanálise e da psicocrítica acerca da criação poética, Darcy França Denófrio detém-se sobre Charles Mauron e sua

“imagem [...] de um ego bifrons, que se esforça por conciliar dois grupos de exigências, as da realidade e as dos desejos profundos, numa adaptação criadora”, solução que ultrapassa a clássica díade escritor/meio, convertendo-a em tríade: “o inconsciente do escritor, o seu eu consciente, o seu meio”. Conforme dizíamos, existe uma afinidade, quase um parentesco, entre os subtemas em que se divide esta seção, sendo, neste caso, flagrante a simetria entre o ego bifrons neste “Luz sobre si mesmo” e o tema do duplo, em “Luz sobre o outro”. A ensaísta, a seguir, recolhe e comenta poemas que dizem respeito ao próprio poeta (e não a um eu-lírico idealizado, não biográfico), a circunstâncias várias de sua vida, como recordações da infância e da adolescência, problemas de saúde e de convívio social, o amor e o aconchego da família. O último subtema em que se divide esta análise crítica, focalizado na seção “A outra luz”, intitula-se “Luz meridiana”. Essa luz poderosa do sol a pino é uma imagem que se refere à ciência, que parece hoje estar no seu apogeu, na sua plenitude, e à qual Fernando Py presta uma homenagem ao publicar seu longo poema épico *Antiuniverso*, em 1994. Darcy França Denófrio lembra que Fernando Py exerceu a profissão de meteorologista e sempre foi grande estudioso de astronomia. Antes de produzir este poema, ele já conciliava ciência e literatura, atuando como tradutor de Isaac Asimov, autor clássico de ficção científica. Sobre *Antiuniverso* informa a ensaísta:

[...] são 990 versos, em diversas medidas e até mesmo amétricos, distribuídos em oito cantos. Nota-se na obra a inclusão, literal ou adaptada, de textos de outros poetas num processo de intertextualização consciente, característico da poesia contemporânea.[...] Nele, encontra-se um substrato tomado à Astronomia, talvez melhor fosse dizer à Astrofísica, mas, de modo absolutamente lírico, se não epilírico, conforme preferimos dizer em tais casos.

Comentando diversos aspectos deste épico contemporâneo sui generis, Darcy França Denófrio evidencia sua admiração pela ousadia inovadora do poeta e admite ser impossível abarcar a complexidade desta composição analisando apenas alguns fragmentos do todo, e afirma não ter conhecimento de “outro livro de poemas que tenha levado o autor e seus leitores a viverem a emoção de se instalar no cosmo e realizar tal

aventura lírica". Finaliza sua reflexão reconhecendo nessa obra o zênite, o ponto mais alto da luz na criação poética de Fernando Py e, por isso mesmo, o ponto depois do qual segue-se o mergulho no outro lado da esfera, no domínio das sombras.

A última etapa desta percuciente análise intitula-se "Sol nenhum: a sombra do mistério". Este capítulo, que encerra o longo périplo da ensaísta sobre o solo da linguagem poética de Fernando Py, detém-se sobre o domínio das sombras, reverso da trajetória luminosa iniciada em *Aurora de vidro*, e se concentra, principalmente, no livro *Sol nenhum*, de 1998.

Sobre ele diz a estudiosa:

[...] o último avatar a que chega sua lírica é mesmo ao cessamento da luz, às trevas absolutas, ao Sol nenhum.

Pensamos que "o sol nenhum" poderá figurar o mistério mais profundo em que se inclui o da morte, por exemplo, como o termo final de nossa existência. Mas também a morte da fé e a dos próprios sentimentos, enfim, todas as espécies de morte que nos acometem na vida. O espessamento das trevas chega, então, ao seu máximo.

Esclarecendo, ainda, que a imagem de "sol nenhum", mais do que simples título de livro, é parte de "uma arquitetura lírica subjacente [...], mais invisível do que visível na obra do poeta", Darcy França Denófrio, com mão segura, vai desvelando ao leitor as entrelinhas dos poemas, tornando visível o que é apenas sugerido, iluminando as sombras dos textos com sua lúcida leitura, completando lacunas com o apoio de outras vozes, vozes de filósofos, cientistas e poetas. Com a visita às sombras, a visão panorâmica sobre a obra poética de Fernando Py se fecha, completa.

Como viajantes, acompanhamos a trajetória poética de Fernando Py, seguindo o caminho da luz. Guiados através das sendas traçadas por Darcy França Denófrio, circulamos sobre as terras do poeta, revolvemos o solo de sua linguagem em busca de significados ocultos, de tesouros escondidos. A erudição e a perspicácia da ensaísta propiciaram que nos regalássemos com "os bens do Egito", conhecimentos de diversos campos do saber – teoria literária, filosofia, antropologia, psicologia – entremeados na urdidura dos poemas. A metáfora da luz e das sombras, que serviu de fio condutor ao desenvolvimento desta análise meticulosa, pode

ser transposta para o próprio ato da leitura crítica. Não é, por acaso, função da crítica lançar luzes sobre o texto, esclarecer, iluminar? Ler este Da aurora de vidro ao sol noturno é, ao mesmo tempo, ter contato com a produção poética de Fernando Py, conhecer o seu valor estético, e viajar, entre luz e sombras, pelos meandros de seus poemas, guiados por esse facho de luz nas mãos da ensaísta.

Este livro presta homenagem aos setenta anos de Fernando Py, nascido no Rio de Janeiro, com o aristocrático nome de Fernando Antônio Py de Mello e Silva, a 13 de junho de 1935. Adotou um econômico nome literário e tem sido, além de poeta e tradutor, um dos últimos a exercitar, de fato, a crítica jornalística no Brasil. Sua tradução incursiona especialmente pelo campo literário (entre outros, Marcel Proust, Balzac, Saul Bellow, Marguerite Duras), mas não recusa a área científica, da astrofísica, de que é exemplo a tradução da obra de Isaac Asimov.

Como poeta, conta com sete obras publicadas e já tem pronta, para o prelo, uma antologia com o título de 70 Poemas escolhidos. Como crítico vem incansavelmente resenhando, para a Tribuna de Petrópolis, centenas de obras de escritores contemporâneos que lhe chegam às mãos.

Na revista Poiésis (n.100, agosto de 2004), afirma o crítico e também poeta Pedro Lyra que "Fernando Py é um dos muitos poetas brasileiros criticamente injustiçados pela prática de outro(s) gênero(s)". Protesta contra o fato de que a poesia de Fernando Py esteja quase ausente nas "antologias e balanços que abundam por aí". Considera que a grandeza de sua poesia "vem sendo ofuscada pela tenaz dedicação jornalística". E, vale ressaltar, pelo exercício crítico altamente especializado, como é o caso da Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade, feita em segunda edição em 2002, para a Fundação Casa de Rui Barbosa.

Fernando Py, um dos mais importantes nomes nacionais da geração 60, que se notabilizou, sobretudo, por seu épico Antiuniverso, recebe, na data de seus setenta anos, esta homenagem de Goiás que se somará às demais de que será alvo na terra em que escolheu viver. O exercício crítico generoso e desprendido de Fernando Py, em relação à produção nacional, e também em relação ao autor goiano, faz

por merecer a publicação desta obra, em que Darcy França Denófrio busca lançar luzes sobre a poesia desse autor, que honra e enriquece a lírica contemporânea.

Neste ensaio, *Da aurora de vidro ao sol noturno*, a autora assenta as bases de sua análise sobre o sentido das imagens antitéticas da luz e da sombra, antinomia que povoa a obra do poeta e comparece no título de dois de seus livros. Para sustentar sua análise, mobiliza campos do saber que passam pela teoria literária, filosofia, antropologia e psicologia, examinando de modo exaustivo o percurso estético do autor que vai da luz difusa (aurora) ao sol nenhum ou à treva do mistério.

Nem é preciso dizer da qualidade crítica dos ensaios de Darcy França Denófrio que, ao longo de sua carreira, tem revelado uma trajetória marcada pela crescente maturidade intelectual, pela argúcia da interpretação e pelo rigor da análise. Seus ensaios conseguem não apenas iluminar a obra do autor em estudo, mas sobretudo revitalizar conceitos, clarear compreensões e enriquecer a discussão de vários temas de interesse dos estudiosos da literatura e, em especial, da poesia.

Sem dúvida alguma, o público apreciador da literatura e da crítica literária terá ao seu dispor um ensaio lúcido e instigante que, além de iluminar a obra de Fernando Py, contribui para enriquecer, de modo geral, as reflexões acerca da poesia contemporânea e, em particular, o conhecimento da chamada "Geração 60".